

Pequenos grandes erros.

*Batemos novamente na tecla dos acidentes. Aqueles que fatalmente aconteceram e aqueles que irão fatalmente acontecer são eventos que estão fora do nosso alcance, meros seres humanos. Porém, existem ainda aqueles que podem acontecer e é para estes acidentes que nossas atenções devem ser dirigidas, uma vez que o que pode acontecer não é necessariamente o que **irá** acontecer.*

Crer que os problemas que enfrentamos são mera intervenção negativa da natureza é, no mínimo, imprudência. É um posicionamento muito confortável - mas errado - atribuir os eventuais revezes de nossas vidas a uma conspiração universal contra nossas "tão nobres pessoas". O piloto é diretamente responsável por tudo o que ocorre, seja no sentido de não ter planejado, previsto ou não ter se preparado adequadamente para enfrentar esta ou aquela condição.

Vamos tomar o exemplo do piloto Joãozinho. Provavelmente, se você é leitor assíduo da AIR, lembrará de suas emocionantes aventuras.

O Joãozinho tem a infeliz tendência de entregar a segurança do seu vôo ao destino: ele culpa o azar, diz que a natureza é imprevisível, enfim, desta ou de outra forma "terceiriza" a responsabilidade pelo desfecho do seu vôo. Ele se esquece que não é suficiente arrumar um culpado para o que dá errado. É preciso que nada dê errado.

A partir do momento que Joãozinho muda de postura e assume que tudo o que ocorre em seu vôo, seja positivo ou negativo, deve-se única e exclusivamente a atos acertados ou errados provenientes de si próprio, ele percebe que precisa aperfeiçoar ao máximo suas decisões e atitudes.

Então, vamos abordar algumas ocorrências típicas, especialmente aquelas situações em que o Joãozinho "entrega na mão de Deus" e que se fossem evitadas, faria com que os desfechos de várias histórias do Joãozinho fossem bem mais palatáveis.

Vamos lá:

Acreditar na invulnerabilidade do equipamento.

Trata-se de um erro comum: Joãozinho voa com um parapente pretensamente seguro e é levado a crer que por isso está vacinado contra colapsos e demais eventos provocados pelo universo micro-meteorológico que o rodeia. Joãozinho deposita parte de responsabilidade sobre o equipamento e as conseqüências podem ser desagradáveis.

Como exemplo, podemos lembrar como nosso herói decolou com seu saída-de-escola, e enquanto largava os batoques para sentar melhor na selete, o velame sofreu um colapso na cara da rampa, que produziu um giro de 180º, atirando o incauto no relevo antes que ele pudesse alcançar os batoques novamente... tsk tsk.. que desagradável. Joãozinho quase morreu e ficou meses de molho até poder voltar novamente.

Todo parapente, por mais seguro que seja, pode fechar e pode também entrar em uma configuração de difícil recuperação. Dedique uma importante parte de seu "tempo" a desenvolver seu conhecimento técnico do parapente. Um bom piloto monitora constantemente a pressão do parapente nos batoques e é capaz de prever

colapsos impedindo que eles aconteçam. Se isso é novidade para você, então é preciso reavaliar várias coisas.

Por mais que você esteja voando com uma vela segura, treinar o controle da vela é uma necessidade constante, mesmo que momentaneamente não pareça.

Ausência de plano B.

Outro erro muito comum. Aliás, Joãozinho nunca tinha sido alertado acerca da necessidade da existência de um plano B.

Joãozinho se propôs um objetivo, porém esqueceu-se de que alguma eventualidade poderia obrigá-lo a mudar seus planos. Na falta de um plano alternativo ele repentinamente se encontrou em uma enrascada que eventualmente poderia resultar num acidente.

Por exemplo: Joãozinho decidiu fazer um planeio sobrevoando uma cidade para chegar a um determinado pouso mais adiante. No caminho, uma descendente o fez perceber que não seria mais possível chegar onde tinha planejado e ele se vê numa roubada, pois embaixo não tem pouso. O campinho de futebol está muito longe, mas por sorte ele consegue encontrar um quintal de uma casa e faz um pouso de emergência com direito enfiar a fuça na cerca viva no final do terreno... a não ser pela coceira, saiu ileso, mas poderia ter sido pior... também poderia ter sido melhor, se ele tivesse imaginado esta possibilidade com antecedência procurando visualizar os possíveis pousos alternativos.

O bom piloto sabe que o imprevisível existe e pensando nisto, tem sempre uma carta na manga para uma eventualidade.

Operar no limite

Lembra-se quando o vento estava apenas a 35km/h, mas o Joãozinho lembrou que seu parapente conseguia chegar a 50km/h acelerado? O dia estava lindo para um lift e ele achou que bastava usar o acelerador para vencer a batalha aérea contra o vento, que insistia em empurrá-lo para o futirrito (como dizem os cearenses).

Ele decolou e foi catapultado para cima, ficando parado em um ar terrivelmente turbulento sem conseguir penetrar. Todo mundo ficou olhando para cima e assistindo Joãozinho passar um tremendo perrengue. Ele tinha duas opções:

Opção A) pisar no acelerador e correr o risco tomar um colapso, já que o parapente acelerado na turbulência fica mais vulnerável.

Opção B) permanecer ali voando minutos a fio pendurado como um lustre rezando pra conseguir manter a vela aberta e para o vento diminuir.

O bom piloto sempre voa em condições aquém de sua capacitação técnica e de seu equipamento. Decolar dependendo do acelerador é, no mínimo, uma imprudência.

Achar tudo fácil

Essa é uma das piores coisas que podem acontecer. Joãozinho acha que tudo no parapente é fácil demais. Isto acontece frequentemente, pois o parapente realmente

nos transmite bastante solidez e, às vezes, é difícil acreditar que pode acontecer algo errado. Porém, esta possibilidade - que algo sério pode dar errado - não só existe como grita em nossos ouvidos implorando para ser escutada.

Na maioria das vezes, essa idéia de que "parapente é fácil" é consequência de uma formação sofrível, que se limitou a mostrar ao piloto-aluno que bastava ter coragem pra correr até sair voando. Ou seja, um instrutor que deliberadamente ocultou várias verdades de nosso esporte a fim de ganhar um dinheiro fácil com pouco trabalho, ou até involuntariamente, pois infelizmente alguns instrutores se esquecem de que o que é fácil para eles pode ser difícil para seus alunos. Associe tudo isto a arrogância natural involuntária de cada um de nós e terá o quadro completo.

Uma vez, por exemplo, Joãozinho tinha ficado meses sem poder voar, mas mesmo assim voltou para seu primeiro vôo como se tivesse voado ontem mesmo. Decolou em uma condição cascuda e somente aí é que ele percebeu que estava meio enferrujado. Poderia ter sido muito tarde.

Em outra ocasião, Joãozinho estava em uma rampa do litoral e o vento estava claramente soprando 90º ou mais em relação à decolagem... era um claro falso frontal (vento de rotor) com nuvens desembestadas a mais de 30km/h cruzando a rampa da direita para a esquerda bem a sua frente. Não havia ninguém voando, logicamente até o momento que o Joãozinho chega e começa a abrir seu equipamento. Alguns pilotos comentaram a respeito das nuvens que denunciavam o vento "látero-caudal", que ele estaria voando no rotor e que o vento canalizaria na frente da decolagem empurrando-o para a esquerda. A resposta dele foi algo parecido com "eu sou experiente, sei o que estou fazendo, você nunca ouviu falar do Joãozinho?".

Bem, diante de tão sólido argumento, a galera recuou e ficou só observando, mas não sem antes lembrá-lo que se ele decolasse, estaria se submetendo a um grande risco e que se fosse parar na floresta lá embaixo, provavelmente poucas pessoas estariam dispostas a resgatá-lo. Ele, não deu a mínima e decolou.

Para a incrível sorte do nosso herói, o vento diminuiu um pouco, o vôo transcorreu mais ou menos na boa, e ele pousou na praia com segurança. Logo após entrou uma ventaca de arrancar os cocos dos coqueiros, mas a esta altura o grande piloto já estava a salvo.

Minutos depois ele estava de volta na rampa, dando murros no peito ao estilo King Kong e dizendo para todo mundo escutar: "Aqui tem piloto!"... diante de tal argumento, o que é que se pode fazer não?

Praticar materialismo 100%

Joãozinho tem um tipo de preocupação que consiste em garantir que seu velame sobreviverá a ele. Ele possui uma síndrome de hereditariedade, quer deixar seu parapente lindo, limpo e sem remendos, como herança para a família vender barato depois do "passamento".

Joãozinho é constantemente levado a sacrificar a própria vida em troca de salvar seu caríssimo (por vezes nem tanto), mas principalmente amado velame de quaisquer possibilidades de sujá-lo de terra, barro, água, ou ainda de tocar uma cerca ou

arbusto, ou ainda, de evitar o ataque de um gaviãozinho enfezado ou um urubu cagarrento.

Afinal, ele ficou meses escolhendo as cores do parapente na Internet, depois mais outros meses esperando o velame ficar pronto... Isto é realmente muito importante!

O materialismo que assola pessoas como o Joãozinho é realmente algo assombroso. Pra ele, o concreto supera o abstrato de longe. Só é possível acreditar naquilo que se possa tocar.

A conseqüência destas constatações é notória no vôo livre: vemos não só fatos como esse das cores e de pilotos se jogando em pousos absurdos para não sujar a vela, mas também culturas inteiras concentrando todos seus esforços financeiros (logicamente) na troca de seus velames por outros mais alguma coisa. Mais velozes, mais performáticos, mais radicais, com cores mais bonitas, mais parecidos com o do Frank Brown, e por tabela, mais perigosos, mais difíceis de serem pilotados e finalmente mais responsáveis tanto por acidentes quanto por desistências do esporte.

Aliás, as desistências acabam sendo um fato inevitável na maioria das vezes. Mas por quê? Porque segundo a lenda, um piloto que compra um parapente de alta performance, jamais pode "regredir" para um intermediário, sob pena de passar o resto de seus dias sob a sombra da humilhação diante de seus colegas de vôo, mesmo que aparentemente ninguém nem sequer note a diferença.

Acreditar que o destino lhe reservou o pior pelo que você é.

Este mantra largamente praticado pela humanidade de forma crescente desde os últimos séculos atinge em cheio o centro do orgulho daqueles pilotos que achavam que poderiam aprender alguma coisa neste esporte, especialmente o Joãozinho.

Ele crê ardorosamente que o fato de ser judeu, ou evangélico, ou ser negro, ou do signo de aquário, ou canhoto, ou míope, ou ter torcido o pé na adolescência ou ser gay, ou torcedor do grêmio, ou qualquer outra coisa que o rotule de minoria, impedirá Joãozinho de progredir, vencer, crescer, aprender, enfim... enroscar direito uma bendita térmica sem que a vela decida, de um instante para outro, posicionar-se entre ele e o chão.

É muito fácil entrar "nessa", basta permitir.

Medo de balançar.

Mais um grande mito de nosso esporte. Joãozinho acredita que é possível voar centenas de quilômetros, subir milhares de metros e permanecer horas a fio voando de base em base sem que o parapente sofra o mínimo solavanco. Passa horas conversando com os amigos narrando o quanto a condição estava turbulenta detendo-se especialmente ao tamanho das fechadas que ele tomou.

Joãozinho se esquece que quando era mergulhador, ele passava frio na água. Esquece-se que quando era surfista, entrava água no nariz dele. Também se esquece completamente que torcia o joelho e o tornozelo quando jogava bola. Pra dizer a verdade, Joãozinho até se esquece que seu filho de um ano faz um cocô muito fedido e, especialmente, que depositar dinheiro no fundo DI significam 90 dias sem poder botar a mão na grana.

Joãozinho se esquece que quem está na chuva vai se molhar e que voar de parapente significa voar na turbulência. Não há nada que se possa fazer a respeito, a não ser aprender a lidar com estes fatos da forma mais saudável (e rápida) que for possível.

Conclusão:

Na quase totalidade das vezes, somos as vítimas imediatas de nossos erros. Acreditar na possibilidade do constante desenvolvimento técnico (afinal, você não aprendeu a voar?) é um posicionamento muito útil, pois desta forma estamos constantemente abrindo possibilidades de aprendizado em nossa vida de voadores. Isto deve vir a priori de preocupações com troca de equipamento.

Assumindo a responsabilidade sobre nós mesmos, nos obrigamos a ponderar melhor sobre nossos planos, a adotar estratégias mais completas e elaboradas, a aceitar nossas limitações e as do esporte de forma mais sábia, enfim, adotar uma postura mais condizente com alguém que pretende se divertir sem ter de provar nada a ninguém.

Assumir a responsabilidade é o combustível que precisamos para aprender a nos colocar mais próximos de nossos limites sem ultrapassá-los; é a forma de crescermos adaptando-nos ao universo que nos rodeia sem esperar que o universo se adapte a nós.

Assumir a responsabilidade é um exercício de humildade e é certamente um caminho iluminado a ser seguido.

Fonte: Sivuca – Silvio Ambrosini - abril 2005